

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal da Índia (S.P.)*

Class.: 06

Data: *28 de Março de 1973*

Pg.: _____

119125
1657
CEDI

INDIOS
Os participantes do
Simpósio Indigenista, no
Mato Grosso, criticam a política
da FUNAI frente à nova realidade
de integração da Amazônia.

A defesa (pelos brancos) da Amazônia dos índios

(OS DEFENSORES SÃO OS PARTICIPANTES DO SIMPÓSIO INDIGENISTA).

J.T. 28.3.73

O programa de integração da Amazônia, com a abertura de estradas em regiões onde ainda vivem tribos isoladas, modificou totalmente o trabalho de atração e pacificação dessas tribos de índios.

O impacto sofrido pelos índios, com a chegada brusca de máquinas e de milhares de homens — os trabalhadores e os que vão ocupar as terras virgens — fez a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) adotar uma atitude paternalista e de assistência ao índio. Mas a FUNAI não reformulou seu sistema de trabalho junto ao índio, para poder atuar, eficientemente, dentro da nova realidade da Amazônia.

Esse é o pensamento de Eduardo Galvão — diretor do Museu Emílio Goeldi, em Belém do Pará (museu arqueológico e etnográfico, com grande acervo de peças e livros sobre a cultura indígena) — que ele expôs no Simpósio de Indigenismo, que está sendo realizado em Cuiabá, Mato Grosso, na Universidade Federal daquele Estado.

A política indigenista brasileira — disse Galvão

— precisa ser reformulada, pois os esforços isolados de uma minoria de brancos não vão solucionar os problemas dos índios que hoje, mais que nunca, sofrem as pressões das frentes de expansão da Amazônia.

Eduardo Galvão, que foi chefe do Departamento de Estudos e Pesquisas do antigo Serviço de Proteção ao Índio entende que "até pouco tempo atrás, o processo aculturativo demorava anos seguidos, pois a ocupação de novas áreas ocorria de forma vegetativa".

Havia conflitos isolados entre os invasores brancos e os índios que se rebelavam com a presença dos colonos em suas terras — afirmou Eduardo Galvão. — Mas, agora, com a marcha de frentes maciças de penetração, a situação mudou de aspecto. Por isso, é necessária, também, uma completa revisão da política indigenista brasileira.

O diretor do Museu Emílio Goeldi explicou ainda que compreende, perfeitamente, "o problema de sertanistas como Apoená Melles, que hoje estão amargurados com os destinos de

vários grupos indígenas por eles contratados:

— Realmente — observou Galvão —, atrair índios para o convívio pacífico com os brancos é muito fácil; difícil porém, é conseguir que essa população não fique marginalizada.

— Hoje em dia — disse ainda Galvão — somos mais de 100 milhões de brasileiros e nossos índios talvez não sejam mais de 80 mil. Com esse desequilíbrio populacional, o índio não encontra mais lugar na nossa sociedade, recebendo da FUNAI apenas uma assistência que não resolve o seu problema.

Outro participante do Simpósio Paulo de Almeida Machado, diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), disse que o índio tem um papel fundamental no desenvolvimento da Amazônia:

— O índio — observou o diretor do INPA — conseguiu viver, durante todos esses anos, completamente isolado, sem a nossa tecnologia e os nossos antibióticos, em associação perfeita com a natureza.

Paulo de Almeida Machado disse que "quem teve



O indigenista Paulo de Almeida Machado diz que o índio, antes do contato com a civilização, "era forte, saudável e feliz".

o ocasião de entrar em contato com eles (os índios), antes de seu convívio com a sociedade, pode verificar que eram fortes, saudáveis e felizes". E continuou:

— Nós, que nos consideramos civilizados, não sabemos como viver, na Amazônia. Alimentamos, petulantemente, a pretensão de dominar a natureza. Isso pode ser representado pelas palavras de Simón Bolívar, que eram estas: "Se a natureza se opuser a nós, nós a dominaremos". A verdade, no entanto, é que a natureza pode ser destruída, mas não dominada.

— O índio — prosseguiu Almeida Machado — é um sócio da natureza, não pretende dominá-la e nós temos muito o que aprender com ele. Por esse motivo, o índio não é um empecilho para o desenvolvimento da Amazônia. Temos, humildemente, que aprender com ele, antes que acabemos com os grupos que ainda sobrevivem.

— Se penetramos a fundo nesses indivíduos — falou Almeida Machado —, veremos que, em termos humanos, eles são superiores a nós, os brancos.

Paulo de Almeida Machado, acha difícil, no momento atual, que o índio se salve com o mínimo de sua cultura, a menos que se tomem medidas práticas, com o objetivo de resguardar os valores das tribos, e que haja uma mudança de mentalidade com relação a pessoa do índio.

Sobre a criação de reservas, o diretor do INPA acha que, se as reservas foram mantidas por um tempo indeterminado, os índios correrão riscos muitos sérios.

Esses riscos aumentam — segundo Paulo de Almeida Machado — se a reserva for pequena, pois, em pouco tempo, ela se transformaria numa espécie de quisto na sociedade brasileira. Assim, marginalizados em suas terras, os índios não seriam integrados, mas isolados do processo de desenvolvimento e rejeitados pelos brancos.

O reitor da Universidade Federal de Mato Grosso, Gabriel Neves, falou que o Simpósio Indigenista é prova de que os homens da Amazônia estão atentos a realidade da Amazônia e que, através do

Projeto Aripuanã, pretendem colocar professores e alunos daquela Universidade, "em contato direto com os problemas da região, que são incontáveis". O Projeto Aripuanã, informou o reitor, prevê a criação da Cidade-Laboratório Humboldt, em plena selva.

Os participantes do Simpósio ouviram, também, uma denúncia do padre sertanista Tomás de Aquino Lisboa, da Missão Anchieta, em Diamantino. O padre disse que a abertura da estrada Juína-Fontanilha, no município de Aripuanã, é uma ameaça à sobrevivência de um grupo de índios Cintas-Largas, que ainda não entrou em contato com a civilização.

O padre Tomás de Aquino Lisboa disse que pensa, inclusive, em abandonar seu trabalho de atração, naquela área, se não for suspensa, imediatamente, a abertura da estrada. A estrada, disse o padre, beneficia particulares, principalmente o fazendeiro Antônio Junqueira, apontado como um dos responsáveis pelos assassinatos de índios Cintas-Largas, ocorridos este ano.